

BEST-SELLER #1 DO THE NEW YORK TIMES
FOURTH WING



REBECCA YARROS

REBECCA YARROS

 **QUARTA**
Planeta minotauro
ASA

Tradução
Laura Pohl

 Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Rebecca Yarros, 2023
Publicado em acordo com Sandra Bruna Agencia Literaria e
Alliance Rights Agency, LLC. SL.
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Copyright da tradução © Laura Pohl, 2024
Todos os direitos reservados.
Título original: *Fourth Wing*

Preparação: Renato Ritto
Revisão: Andréa Bruno, Caroline Silva e Ligia Alves
Projeto gráfico: Toni Kerr
Diagramação: Vivian Oliveira
Mapas: Amy Acosta, Elizabeth Turner Stokes e Melanie Korte
Capa: Bree Archer e Elizabeth Turner Stokes
Ilustração de capa e miolo: Peratek/Shutterstock
Adaptação de capa: Emily Macedo

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Yarros, Rebecca
Quarta asa / Rebecca Yarros ; tradução de Laura Pohl. -- 2. ed. -- São
Paulo : Planeta do Brasil, 2024.
544 p.

ISBN 978-85-422-2587-7 (capa dura)

Título original: *Fourth Wing*

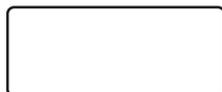
1. Ficção norte-americana 2. Literatura fantástica 3. Dragões I. Título
II. Pohl, Laura

24-0203

CDD 813.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2024

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação

São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Um dragão sem seu cavaleiro é uma tragédia.
Um cavaleiro sem seu dragão é um homem morto.

— ARTIGO PRIMEIRO, SEÇÃO UM,
CÓDEX DO CAVALEIRO DE DRAGÃO



CAPÍTULO UM

O Dia do Alistamento é sempre o mais letal. Talvez seja por isso que o nascer do sol esteja especialmente bonito nesta manhã: porque sei que pode ser meu último.

Aperto as alças da mochila pesada e subo a escadaria larga da fortaleza de pedra que chamo de lar. Meu peito ofega pela exaustão, os pulmões ardendo quando chego ao corredor de pedra que leva à sala da general Sorrengail. Isto foi o que seis meses de treino físico intenso me deram: a habilidade de mal conseguir subir seis lances de escada com uma mochila que pesa quinze quilos.

Eu estou fodida.

Os milhares de outros alunos de vinte anos esperando do lado de fora do portão para entrar na Divisão que escolheram são os mais esportos e mais fortes de Navarre. Centenas deles se prepararam para a Divisão dos Cavaleiros desde o nascimento, a chance que tinham de se tornar alguém da elite. Eu tive exatamente seis meses.

Os guardas inexpressivos, enfileirados no corredor largo no topo do patamar da escadaria, evitam meus olhos enquanto passo, mas isso não é novidade. Ser ignorada, no fim, é o melhor cenário para mim.

O Instituto Militar Basgiath não é conhecido por ser gentil com... ninguém, mesmo aqueles que recebem ordens da própria mãe.

Cada cadete navarriano, quer tenha escolhido treinar como médico, escriba, soldado de infantaria ou cavaleiro, é moldado pelas paredes cruéis deste lugar durante três anos, transformando-os em armas para proteger nossas fronteiras montanhosas das tentativas de invasão violentas do reino de Poromiel e seus cavaleiros de grifo. Os fracos

não sobrevivem por aqui, especialmente na Divisão dos Cavaleiros. Os dragões garantem isso.

— Está mandando ela para morrer! — ecoa uma voz familiar atrás da porta grossa de madeira da sala da general, e eu ofego. Só existe uma mulher no Continente inteiro que seria tola o bastante para erguer a voz para a general, mas ela deveria estar na fronteira com a Asa Leste. *Mira*.

Ouçoo uma resposta abafada e estico a mão para a maçaneta.

— Ela não tem a menor chance — grita Mira enquanto forço a porta pesada e o peso da mochila quase me faz cair para a frente. *Merda*.

A general pragueja atrás da mesa, e eu seguro as costas de um sofá de veludo vermelho para me equilibrar.

— Droga, mãe, ela não consegue aguentar nem a própria mochila — continua Mira, apressando-se ao meu lado.

— Estou bem! — Sinto as bochechas corarem e me forço a ficar em pé. Ela está de volta há cinco minutos e já está tentando me salvar. *Porque você precisa mesmo que alguém te salve, sua tonta*.

Eu não quero isso. Não quero *nada* que vem dessa merda de Divisão dos Cavaleiros. Não é como se eu tivesse um desejo de morte. Eu teria preferido fracassar no teste de admissão de Basgiath, indo direto para o exército junto com a maioria dos alistados. Porém, eu *aguento* a mochila e *vou* dar um jeito de aguentar o resto.

— Ah, Violet. — Olhos castanhos preocupados me encaram, as mãos fortes segurando meus ombros.

— Oi, Mira. — Um sorriso repuxa os cantos da minha boca. Pode até ser que ela tenha vindo até aqui para se despedir, mas eu estou feliz de ver minha irmã pela primeira vez em anos.

Os olhos dela se suavizam, e os dedos se flexionam nos meus ombros como se ela fosse me puxar para um abraço, mas ela dá um passo para trás e se vira para ficar ao meu lado, encarando nossa mãe.

— Você não pode fazer isso.

— Já fiz. — Minha mãe dá de ombros, as linhas do uniforme preto apertado erguendo e baixando com aquele movimento.

Bufo. Qualquer esperança se esvai. Não que eu esperasse receber qualquer misericórdia de uma mulher que ficou famosa justamente pela falta dela.

— Então *desfaça* — rebate Mira. — Ela passou a vida inteira treinando para ser uma escriba. Não foi criada para ser uma cavaleira.

— Bom, ela certamente não é igual a você, concorda, tenente Sorrengail? — Minha mãe deposita as mãos na superfície impecável da escrivaninha e se apoia levemente quando fica em pé, encarando com um olhar estreito que nos avalia e reflete os olhos do dragão entalhados

nas pernas enormes da mesa. Não preciso do poder proibido de ler mentes para saber exatamente o que ela vê.

Aos vinte e seis anos, Mira é uma versão mais jovem de nossa mãe. Alta, forte, com músculos poderosos de anos de lutas e centenas de horas que passou no dorso de seu dragão. A pele dela praticamente brilha de tão saudável, e o cabelo castanho, com tons dourados, foi cortado curto no mesmo estilo que o da minha mãe. Porém, mais do que a aparência, ela tem a mesma arrogância, a mesma convicção inabalável de que pertence ao céu. É uma cavaleira por completo.

Ela é tudo que eu não sou, e, quando minha mãe balança a cabeça em reprovação, sei que ela concorda. Sou baixinha demais. Frágil demais. As curvas que tenho deveriam ser músculos, e meu corpo traidor me torna vergonhosamente vulnerável.

Nossa mãe anda em nossa direção, as botas pretas polidas brilhando sob luzes mágicas que cintilam nas arandelas. Ela segura a ponta da minha trança comprida e bufa ao ver o lugar acima dos meus ombros quando o castanho começa a perder a cor e lentamente se transforma em um prateado metálico nas pontas, e então a solta:

— Pele clara, olhos claros, cabelo claro. — O olhar dela suga toda a confiança que eu tinha. — É como se a febre tivesse roubado toda a sua cor junto com sua força. — O luto passa pelos olhos dela, as sobrancelhas franzidas. — Eu avisei a ele que não escondesse você naquela biblioteca.

Não é a primeira vez que a ouço xingar a doença que quase a matou enquanto estava grávida de mim, ou a biblioteca que papai construiu na nossa segunda casa quando ela fora enviada para Basgiath como instrutora e ele como escriba.

— Eu amo aquela biblioteca — respondo. Já faz mais de um ano que o coração dele finalmente cedeu, e os Arquivos ainda assim são o único lugar no qual me sinto em casa nesta fortaleza gigante, o único em que ainda sinto a presença do meu pai.

— Falou como a filha de um escriba — mamãe diz baixinho, e ali eu vejo: a mulher que ela era quando papai ainda estava vivo. Mais ternura. Mais gentil... ao menos com sua família.

— Eu *sou* filha de um escriba. — Minhas costas doem, então finalmente solto a mochila dos ombros e a deixo no chão. Então, respiro pela primeira vez desde que saí do meu quarto.

Mamãe pisca, e aquela mulher mais suave desaparece, deixando apenas a general em seu lugar.

— Você é filha de uma cavaleira e tem vinte anos, e hoje é o Dia do Alistamento. Permiti que terminasse seus estudos, mas, como disse na

primavera passada, não vou ficar vendo uma filha *minha* entrar para a Divisão dos Escribas, Violet.

— Porque os escribas são assim tão inferiores aos cavaleiros? — resmungo, sabendo bem até demais que os cavaleiros são o auge da hierarquia social e militar. Ajuda muito que os dragões possam fritar pessoas por diversão.

— Sim! — A compostura de sempre dela desaparece por um segundo. — E se você ousar entrar naquele túnel em direção à Divisão dos Escribas hoje, vou te puxar por essa trança ridícula e te levar eu mesma ao Parapeito.

Meu estômago revira.

— Papai não ia querer isso! — argumenta Mira, o rosto corando até o pescoço.

— Eu amava o pai de vocês, mas ele morreu — diz mamãe, como se estivesse apresentando a previsão do tempo. — Duvido que hoje em dia ele possa querer muita coisa.

Prendo a respiração, de boca fechada. Discutir não vai adiantar. Ela nunca escutou nada do que eu já disse antes, e hoje não vai ser diferente.

— Mandar Violet para a Divisão dos Cavaleiros é o equivalente a uma sentença de morte. — Acho que Mira ainda não deu a discussão por encerrada. Mira *nunca* dá discussão nenhuma com mamãe por encerrada, e a coisa mais frustrante é que nossa mãe sempre a respeitou por isso. Dois pesos, duas medidas. — Ela não é forte o bastante, mãe! Já quebrou o braço este ano, torce um ligamento a cada quinze dias e não é alta o bastante para montar em dragão, pelo menos em nenhum grande o suficiente para manter ela viva em uma batalha.

— Está falando sério, Mira? — Mas. Que. Porra. Enfio as unhas na palma da mão e fecho os punhos. Saber que minhas chances de sobrevivência são mínimas é uma coisa, mas minha irmã jogar isso na minha cara é outra. — Está me chamando de *fraca*?

— Não. — Mira aperta minha mão. — Só... frágil.

— Não muda nada. — Dragões não se unem a mulheres *frágeis*. Eles as incineram.

— Tá, ela é pequena. E daí? — Mamãe me avalia, examinando o caimento generoso da túnica e calça cor de creme que selecionei hoje de manhã para minha potencial execução.

Eu bufo.

— Agora vamos listar todas as minhas falhas?

— Eu não disse que era uma falha. — Mamãe se vira para minha irmã. — Mira, Violet lida com mais dor antes do almoço do que você

lida a semana inteira. Se algum dos meus filhos é capaz de sobreviver à Divisão dos Cavaleiros, essa filha é Violet.

Ergo as sobranceiras. Aquilo pareceu um elogio, mas, sendo a minha mãe, nunca dá para saber.

— Quantos candidatos morrem no Dia do Alistamento, mãe? Quarenta? Cinquenta? Quer tanto assim enterrar outro filho? — insiste Mira, em fúria.

Eu estremeço quando a temperatura da sala abaixa, uma amostra do poder de controlar tempestades que minha mãe canaliza através de seu dragão, Aimsir.

Sinto o peito doer quando me lembro do meu irmão. Ninguém ousara mencionar Brennan e seu dragão nos últimos cinco anos desde que eles tinham morrido lutando contra a rebelião Týrrica no sul. Minha mãe tolera e respeita Mira, mas ela amava Brennan.

Meu pai também. As dores no peito que ele sentia começaram logo depois da morte de Brennan.

Mamãe aperta a mandíbula e os olhos ameaçam uma retribuição enquanto encara Mira.

Minha irmã engole em seco, mas sustenta, inabalável, aquele olhar.

— Mãe — começo a falar. — Ela não queria...

— Saia daqui, tenente. — As palavras da minha mãe saem em lufadas de fumaça naquele escritório frio. — Antes que eu relate que você se ausentou de sua unidade sem permissão.

Mira endireita a postura, assente e depois dá meia-volta com uma precisão militar, saindo pela porta sem dizer mais nada e pegando uma mochila pequena ao sair.

É a primeira vez que mamãe e eu ficamos sozinhas em meses.

Os olhos dela encontram os meus, e a temperatura da sala aumenta quando ela respira fundo.

— Você ficou no topo da lista nos testes de velocidade e agilidade do exame de admissão. Vai dar tudo certo. Deu certo para todos os Sorrengail. — Ela passa os dedos pela minha bochecha, mal tocando minha pele. — Você é tão parecida com o seu pai — sussurra ela, antes de pigarrear e se afastar.

Acho que não se recebem medalhas de honra por disponibilidade emocional.

— Não vou poder me dirigir a você pelos próximos três anos — diz ela, sentando-se na beirada da mesa. — Na posição de comandante-general de Basgiath, serei sua superiora.

— Eu sei. — É a menor das minhas preocupações, considerando que ela já mal olha na minha cara agora.

— Não vai receber nenhum tratamento especial por ser minha filha. Na verdade, todos vão testar você com mais força para que prove que é capaz. — Ela ergue a sobrancelha.

— Estou bem ciente disso. — Que bom que eu estava treinando com o major Gillstead durante os últimos meses antes de mamãe fazer sua declaração final.

Ela suspira, forçando um sorriso.

— Então acho que vejo você no vale da Ceifa, aspirante. Embora eu acredite que já será cadete ao pôr do sol.

Ou estarei morta.

Nenhuma de nós diz isso em voz alta.

— Boa sorte, Aspirante Sorrengail. — Ela se senta atrás da escrivaninha, me dispensando por completo.

— Obrigada, general.

Jogo a mochila sobre os ombros e saio da sala. Um guarda fecha a porta atrás de mim.

— Ela despirocou — diz Mira do meio do corredor, bem onde dois guardas estão posicionados.

— Eles vão dedurar você.

— Como se já não soubessem disso — diz ela, entre dentes. — Vamos embora. Temos só uma hora antes de todos os aspirantes precisarem se apresentar, e vi milhares esperando do lado de fora quando voei até aqui.

Ela começa a andar, me guiando pela escadaria de pedra e pelos corredores que levam até meu quarto.

Bom... meu *antigo* quarto.

Nos trinta minutos em que estive ausente, todos os meus itens pessoais foram empacotados em caixas e agora estão empilhados no canto. Meu estômago se revira. Ela mandou encaixotar toda a minha vida.

— Ela é eficiente pra caralho, isso eu preciso admitir — murmura Mira antes de se virar para mim, me avaliando. — Estava esperando que fosse conseguir convencê-la a desistir dessa ideia. Você nunca deveria ir para a Divisão dos Cavaleiros.

— Você já mencionou isso. — Ergo a sobrancelha. — Diversas vezes.

— Foi mal. — Ela estremece, abaixando no chão e começando a esvaziar a própria mochila.

— O que está fazendo?

— O que Brennan fez por mim — ela fala baixinho, e sinto o luto entalar na garganta. — Consegue manejar uma espada?

Balanço a cabeça.

— É pesada demais para mim. Mas sou bem rápida com adagas. Bem rápida mesmo. Rápida como um relâmpago. Posso não ter força, mas compenso em rapidez.

— Imaginei. Que bom. Agora larga a mochila aí e tira essas botas horrorosas. — Ela separa os itens que trouxe, entregando botas novas e um uniforme preto para mim. — Veste isso.

— O que tem de errado com a minha mochila? — Pergunto, mesmo assim a solto. Mira imediatamente a abre, tirando tudo que guardei ali com tanto cuidado. — Mira! Passei a noite toda arrumando isso!

— Você está levando coisas demais, e essas botas são uma armadilha. Vai cair do Parapeito com essa sola lisa. Mandei fazer botas de cavaleiro com sola de borracha pra você só para o caso de precisar. E, querida Violet, você vai precisar, e muito.

Os livros começam a voar da minha mochila, caindo perto das caixas.

— Ei, eu posso levar tudo o que conseguir carregar e quero levar esses! — Tento pegar o próximo livro antes que ela o jogue longe e mal consigo salvar minha coleção favorita de fábulas sombrias.

— Está disposta a morrer por isso? — pergunta Mira, seu olhar endurecendo.

— Eu consigo carregar!

Isso tudo é tão errado. Era para eu dedicar minha vida aos livros, e não atirá-los pelos cantos para aliviar o peso da mochila.

— Não consegue, não. Essa mochila tem quase a metade do seu peso, o Parapeito mal tem quarenta e cinco centímetros de largura e fica a sessenta metros do chão, e, da última vez que olhei, nuvens de chuva se aproximavam. Não vão deixar você atrasar tudo só porque a ponte vai estar escorregadia por causa da chuva, maninha. Você vai cair. Vai morrer. Agora, quer fazer o favor de me escutar? Ou vai se juntar aos outros aspirantes mortos na chamada de amanhã? — Não há nenhum traço da minha irmã mais velha na cavaleira que fala comigo. A mulher que está à minha frente é fria, calculista, e um pouco cruel. É a mulher que sobreviveu aos últimos três anos com apenas uma cicatriz, uma que o próprio dragão deu a ela durante a Ceifa. — Porque é tudo o que você vai ser. Outro túmulo. Outro nome gravado na pedra. Esquece os livros.

— Papai deu este aqui pra mim — murmuro, pressionando o livro contra o peito. Talvez seja infantil, só uma coleção de histórias para nos alertar dos perigos da magia e até demonizar dragões, mas é tudo o que me resta dele.

Ela suspira.

— É aquele livro de folclore de vermes que controlam a escuridão e seus wyvern? Já não leu isso umas mil vezes?

— Provavelmente mais — confesso. — E o nome certo é *venin*, e não verme.

— Papai e todas as suas alegorias — diz ela. — É só não tentar canalizar poder sem ser uma cavaleira com uma união que os monstros de olhos vermelhos não vão se esconder debaixo da sua cama, esperando pra te sequestrar com dragões de duas pernas e obrigar você a se juntar ao exército sombrio deles. — Ela pega o último livro da mochila e o entrega para mim. — Esquece os livros. Papai não pode mais te salvar. Ele tentou. Eu tentei. Agora é com você, Violet. Vai morrer como escriba ou viver como cavaleira?

Olho para os livros em meus braços e faço minha escolha.

— Você é um pé no saco.

Deposito as fábulas no canto, mas fico com o outro volume na mão quando encaro minha irmã.

— Um pé no saco que vai manter você viva. Pra que serve esse? — pergunta ela.

— Para matar pessoas. — Entrego o livro de volta.

Um sorriso lento se esparrama pelo rosto dela.

— Ótimo. Pode ficar com esse aí. Agora se troque enquanto eu arrumo essa bagunça.

O sino ressoa acima de nós. Temos quarenta e cinco minutos.

Eu me visto rapidamente, mas tudo parece pertencer a outra pessoa, apesar de obviamente ser do meu tamanho. Minha túnica é substituída por uma camisa preta justa que cobre meus braços, e as calças largas são trocadas por um par de couro que abraça minhas curvas. Então, Mira me aperta em um corpete em formato de colete por cima da camisa que visto.

— Isso impede que a pele fique assada — explica ela.

— Igual ao equipamento que os cavaleiros vestem em batalha. — Preciso admitir que as roupas são bem legais, mesmo que eu pareça uma impostora nelas. *Deuses, isso está mesmo acontecendo.*

— Exatamente, porque é isso que você está fazendo. Entrando em batalha.

A combinação de couro e tecido que eu não reconheço me cobre da clavícula até abaixo da cintura, envolvendo meu torso e se cruzando acima dos meus ombros. Passo os dedos pelas bainhas escondidas que foram costuradas na diagonal, acompanhando minhas costelas.

— Para as adagas.

— Só tenho quatro. — Eu as agarro da pilha no chão.

— Você vai ganhar mais.

Enfio as armas nas bainhas, e é como se minhas costelas agora fossem armas. O design é bem engenhoso. Entre as costelas e as bainhas e minhas coxas, o acesso às lâminas fica fácil.

Mal me reconheço no espelho. Pareço uma cavaleira. Mas ainda me sinto uma escriba.

Minutos depois, metade do que havia trazido foi parar nas caixas. Ela arrumou minha mochila de novo, descartando tudo que achava desnecessário e quase tudo de valor sentimental, enquanto disparava conselhos sobre como sobreviver na Divisão. Então, ela me surpreende ao fazer a coisa mais sentimental do mundo: manda que eu me sente entre seus joelhos para trançar meu cabelo em forma de coroa.

É como se eu voltasse a ser criança, mas faço o que ela me pede mesmo assim.

— O que é isto? — Testo o material acima do coração, esticando o tecido com a unha.

— Uma coisa que eu projetei — explica ela, apertando a trança contra meu couro cabeludo. — Foi feito especialmente pra você a partir de escamas de Teine, então tome cuidado.

— Escamas de dragão? — Viro para trás para olhar para ela. — Como assim? Teine é gigante.

— Conheço um cavaleiro que tem o poder de fazer coisas grandes ficarem pequenas. — Um sorriso malicioso brilha nos lábios dela. — E coisas pequenas ficarem... bem, bem maiores.

Reviro os olhos. Mira sempre foi muito mais aberta sobre os homens de sua vida do que eu... sobre todos os dois que passaram pela minha.

— Maior quanto?

Ela ri, puxando a trança.

— Vira a cabeça pra frente. Você deveria ter cortado o cabelo. — Ela puxa as mechas e volta a trançar. — É um risco nas lutas e batalhas, sem mencionar que é um alvo gigante. Ninguém mais tem cabelo prateado igual ao seu, e já vão estar atrás de você.

— Você sabe muito bem que a cor natural dele some gradualmente, não importa o tamanho. — Meus olhos são igualmente indecisos, um tom de mel variando entre azuis e âmbar que nunca se transforma em uma cor sólida. — Além do mais, fora a preocupação de todo mundo com a cor, meu cabelo é a única coisa perfeitamente saudável minha. Cortar seria tipo punir meu corpo por fazer algo que finalmente deu certo, e não é como se eu precisasse esconder quem eu sou.

— Você não precisa. — Mira puxa a trança, fazendo minha cabeça ir para trás, e nossos olhos se encontram. — Você é a mulher mais

esperta que conheço. Não esquece disso. O seu cérebro é sua melhor arma. Seja mais esperta que eles, Violet. Está me ouvindo?

Assinto, e ela afrouxa o punho, terminando a trança e me ajudando a ficar em pé em seguida, enquanto continua a resumir anos de conhecimento em quinze minutos apressados, mal parando para respirar.

— Observe tudo. Ficar quieta é bom, mas preste atenção em tudo e todos ao seu redor e use isso a seu favor. Já leu o Códex?

— Algumas vezes. — O livro de regras da Divisão dos Cavaleiros é apenas uma fração do livro das outras divisões. Provavelmente porque cavaleiros têm dificuldade em obedecer às regras.

— Bom. Então você sabe que os outros cavaleiros podem te matar a qualquer hora, e os cadetes mais sanguinários *vão* tentar. Menos cadetes significa melhores chances na Ceifa. Nunca há dragões o suficiente dispostos a se unirem, e qualquer cavaleiro imprudente o bastante para morrer não vale um dragão.

— Exceto quando estão dormindo. É uma ofensa punível de execução atacar qualquer cadete que esteja dormindo. O Artigo Terceiro...

— Sim, mas isso não quer dizer que vai estar segura à noite. Durma vestindo isso, se puder. — Ela aponta para o corpete.

— Eu deveria fazer por merecer usar o preto dos cavaleiros. Tem certeza de que eu não deveria usar minha túnica hoje? — digo, passando a mão pelo couro.

— O vento no Parapeito vai inflar qualquer tecido sobrando como se fosse uma vela. — Ela me entrega a mochila, agora bem mais leve. — Quanto mais apertadas suas roupas, melhor você vai se dar lá em cima e no ringue quando precisar lutar. Vista a armadura o tempo todo. Mantenha as adagas aí *o tempo todo*.

Ela aponta para as bainhas que usa na coxa.

— Alguém vai dizer que eu não mereço usar isso ainda.

— Você é uma Sorrengail — responde ela, como se fosse o bastante. — Foda-se o que vão dizer.

— E você não acha que usar escamas de dragão é trapacear?

— Não existe trapacear quando se começa a subir na torre. Só existe sobrevivência ou morte. — Os sinos tocam. Só mais meia hora. Ela engole em seco. — Está quase na hora. Pronta?

— Não.

— Eu também não estava. — Ela dá um sorriso torto. — E olha que passei a vida treinando pra isso.

— Eu não vou morrer hoje. — Passo as alças da mochila pelos ombros e respiro um pouco mais leve do que de manhã. Está bem mais tranquilo de carregá-la.

Os corredores centrais e administrativos da fortaleza estão silenciosos de uma forma sinistra enquanto passamos por diversas escadas, mas o barulho do lado de fora fica mais alto enquanto descemos mais. Através das janelas, vejo milhares de aspirantes abraçando seus entes queridos e se despedindo nos campos de grama atrás do portão principal. Do que testemunhei todos os anos, a maior parte das famílias fica lá com seus aspirantes até o último sino. As quatro estradas que levam à fortaleza estão lotadas de cavalos e carroças, especialmente onde convergem na frente do instituto, mas são as carroças vazias que me deixam nauseada.

São para os corpos.

Antes de virarmos no último corredor que dá para o pátio, Mira para.

— O que... *ai*. — Ela me espreme em seu peito, abraçando meu corpo com força na privacidade relativa do corredor.

— Eu te amo, Violet. Não esquece nada do que eu falei. Não seja só mais um nome na lista dos mortos. — A voz dela tremula, e passo os braços ao seu redor, apertando com força.

— Vou ficar bem — prometo.

Ela assente, o queixo encostado no topo da minha cabeça.

— Eu sei. Vamos logo.

É tudo que ela diz antes de se afastar e seguir para o pátio lotado logo na entrada principal da fortaleza. Instrutores, comandantes e até nossa mãe estão reunidos ali informalmente, esperando a loucura do lado de fora se tornar a ordem ali dentro. De todas as portas do instituto militar, o portão principal é o único que nenhum cadete vai atravessar hoje, já que cada Divisão tem sua própria entrada e aposentos. Inferno, os cavaleiros têm uma cidadela própria. Aqueles filhos da puta pretensiosos e egoístas.

Sigo Mira, alcançando-a com alguns passos rápidos.

— Encontre Dain Aetos — diz Mira enquanto cruzamos o pátio na direção do portão aberto.

— Dain? — Não consigo reprimir um sorriso ao pensar em ver Dain outra vez, e meu coração acelera. Já faz um ano, e senti falta daqueles olhos castanhos suaves e da forma como ele ri, de um jeito que seu corpo todo ri junto. Sinto saudade da nossa amizade e dos momentos em que achei que essa amizade poderia se transformar em algo mais, nas circunstâncias certas. Sinto saudade da forma como ele olha para mim, como se eu fosse digna de atenção. Sinto saudade... dele.

— Já faz três anos que estou fora da Divisão, mas, do que ouvi falar, ele estava indo bem, e vai manter você segura. Para de sorrir desse jeito — ralha Mira. — Ele deve estar no segundo ano. — Ela aponta um dedo para mim. — Melhor não se envolver com os segundanistas.

Se você quiser transar, e deveria... — ela ergue as sobrancelhas —, com frequência, considerando que você nunca sabe o dia de amanhã, então aproveite pessoas do seu próprio ano. Não há nada pior que cadetes fofocando que você dormiu com alguém só para conseguir proteção.

— Então estou livre pra levar qualquer primeiranista pra cama — eu digo, com um sorriso. — E não o pessoal do segundo ou do terceiro ano.

— Isso mesmo. — Ela dá uma piscadela.

Atravessamos os portões, saindo da fortaleza, e nos juntamos ao caos organizado para além dele.

Cada uma das seis províncias de Navarre enviou sua cota de aspirantes para o serviço militar deste ano. Alguns são voluntários. Outros receberam o alistamento como punição. A maioria é compulsória. A única coisa que temos em comum aqui em Basgiath é que passamos no exame de admissão (um exame por escrito e um teste de agilidade nos quais ainda não acredito que passei), o que significa que não vamos acabar como bucha de canhão na infantaria lá no fronte.

A atmosfera é tensa, e Mira me conduz pelo caminho de pedras gasto na direção da torre sul. O instituto foi construído na lateral da montanha Basgiath, como se tivesse sido esculpido em um dos picos. A estrutura extensa e formidável se expande acima da multidão de aspirantes ansiosos e suas famílias chorosas, com uma muralha imensa de diversos andares (feita para proteger as partes altas do castelo lá dentro) e torres defensivas em cada canto, e uma delas contém o campanário.

A maioria das pessoas na multidão se move em fileira para a torre norte, a entrada da Divisão da Infantaria. Alguns vão na direção do portão atrás de nós, a Divisão Hospitalar, que ocupa a parte sul do instituto. Inveja assoma no meu peito quando vejo alguns tomando o túnel central que leva aos arquivos sob a fortaleza para se juntarem à Divisão dos Escribas.

A entrada para a Divisão dos Cavaleiros é uma porta fortificada na base da torre, assim como a entrada da infantaria ao norte. Porém, enquanto os candidatos da infantaria podem andar para os seus aposentos no nível do chão, os candidatos a cavaleiros precisam *subir*.

Mira e eu nos juntamos à fileira dos cavaleiros, esperando para assinar, e então eu cometo o erro de olhar para cima.

Muito acima no céu, cruzando o vale que divide o prédio principal do instituto da cidadela ainda mais alta da Divisão dos Cavaleiros no desfiladeiro ao sul, está o Parapeito, a ponte de pedra que vai separar os aspirantes a cavaleiros dos cadetes nas próximas horas.

Não consigo acreditar que estou prestes a cruzar aquela coisa.

— E pensar que eu estive me preparando para o exame escrito dos Escribas por todos esses anos. — Minha voz está carregada de sarcasmo. — Deveria ter ficado brincando em uma linha de equilibrista.

Mira me ignora enquanto a fila continua a andar e os candidatos desaparecem pela porta.

— Não deixa o vento atrapalhar seus passos.

Dois candidatos na nossa frente, uma mulher chora enquanto seu parceiro a tira de cima de um jovem, o casal se afastando da fila e se retirando em lágrimas, descendo o morro na direção da multidão de entes queridos que preenchem as estradas. Não tem mais nenhum pai ou mãe na nossa frente, apenas alguns aspirantes andando na direção dos examinadores.

— Mantenha os olhos nas pedras na sua frente e não olhe pra baixo — diz Mira, o rosto ficando cada vez mais tenso. — Estique os braços para se equilibrar. Se a mochila escorregar, largue ela. Melhor a mochila do que você.

Olho para trás, onde parece que centenas de pessoas apareceram nos últimos minutos.

— Talvez eu devesse deixar os outros irem primeiro — sussurro, o pânico tomando meu coração. Que porra estou fazendo?

— Não — responde Mira. — Quanto mais você esperar nesses degraus — ela gesticula para a torre —, mais o medo tem chance de crescer. Atravesse o Parapeito antes que o terror te domine.

A fila anda e o sino toca de novo. Oito horas.

A multidão atrás de nós foi separada completamente em seus esquadros escolhidos, todos enfileirados para assinar e começar a servir.

— Tenha foco — diz Mira, e eu viro a cabeça para a frente. — Pode parecer meio duro, mas não procure fazer amizade por lá, Violet. Melhor forjar alianças.

Apenas duas pessoas estão na nossa frente agora: uma mulher com a mochila cheia, maçãs do rosto marcadas e rosto oval que me faz lembrar de pinturas de Amari, a rainha dos deuses. O cabelo castanho-escuro foi arrumado em diversas fileiras de tranças curtas que tocam o pescoço de sua pele igualmente escura. A segunda é um homem musculoso loiro, e uma mulher chora ao lado dele. Ele está carregando uma mochila ainda maior.

Olho na direção dos examinadores, arregalando os olhos.

— Ele é...? — sussurro.

Mira olha e murmura um xingamento.

— Filho de um separatista? É. Tá vendo a marca brilhante no topo do pulso? Relíquia da rebelião.

Ergo as sobrancelhas, surpresa. As únicas relíquias de que já ouvi falar são as de quando um dragão usa magia para marcar a pele do cavaleiro que escolheu para se unir. Mas são relíquias que simbolizam honra e poder, e geralmente têm o formato do dragão que as concedeu. As marcas dele são círculos e cortes que mais parecem um aviso do que um pertencimento.

— Um *dragão* fez aquilo? — sussurro.

Ela assente.

— Mamãe disse que o dragão do general Melgren fez isso com todos quando executou os pais deles, mas ela não falou muito desse assunto. Nada como punir crianças para impedir que mais pais traiam sua nação.

Parece... cruel, mas a primeira regra de viver em Basgiath é que nunca devemos questionar um dragão. Eles têm uma tendência a cremar qualquer um que achem grosseiro.

— A maioria das crianças com marcas da rebelião é de Tyrrendor, claro, mas tem traidores de outras províncias... — O sangue se esvai de seu rosto, e ela segura a alça da minha mochila, girando meu corpo em sua direção até encará-la. — Acabei de me lembrar. — Ela abaixa o tom, e eu me inclino, o coração acelerado ao ouvir a urgência em sua voz. — Fique longe de Xaden Riorson.

O ar se esvai dos meus pulmões. Esse nome...

— *Aquele* Xaden Riorson — confirma ela, o medo evidente na voz. — Ele está no terceiro ano e *vai* te matar no instante em que descobrir quem você é.

— O pai dele foi o Grande Traidor. Ele *liderou* a rebelião — digo, baixinho. — O que Xaden está fazendo aqui?

— Todos os filhos dos líderes foram alistados como punição pelos crimes dos pais — sussurra Mira enquanto andamos de lado, seguindo a fila. — Mamãe disse que nunca esperaram que Riorson fosse conseguir passar pelo Parapeito. Aí acharam que algum cadete acabaria matando ele, mas assim que o dragão o escolheu... — Ela balança a cabeça. — Bom, então ninguém pode fazer mais nada. Ele agora está na posição de Dirigente de Asa.

— Que merda — falo, agitada.

— Ele jurou lealdade a Navarre, mas não acho que isso vá impedir que ele faça alguma coisa com você. Assim que cruzar o Parapeito, e você *vai* conseguir, encontre Dain. Ele vai colocar você no esquadrão dele, e aí vamos torcer pra ser bem longe do Riorson. — Ela aperta mais as alças da minha mochila. — Fique. Longe. Dele.

— Já entendi. — Assinto.

— Próximo — diz a voz atrás de uma mesa de madeira que contém a lista de inscrição para a Divisão dos Cavaleiros. O cavaleiro marcado que não conheço está sentado ao lado de um escriba que eu conheço, e as sobranceiras prateadas do capitão Fitzgibbons se erguem ao me ver.

— Violet Sorrengail?

Assinto, pegando a pena e assinando meu nome ao lado da linha vazia da inscrição.

— Achei que fosse para a Divisão dos Escribas — diz o capitão Fitzgibbons baixinho.

Invejo a túnica cor de creme dele, sem conseguir encontrar as palavras.

— A general Sorrengail escolheu diferente — responde Mira.

Os olhos do homem se enchem de tristeza.

— Que pena. Você era muito promissora.

— Pelos deuses — diz o cavaleiro ao lado do capitão. — Você é Mira Sorrengail? — O queixo dele cai, e consigo sentir o cheiro de babação de ovo daqui.

— Sou — assente Mira. — Essa é minha irmã, Violet. Ela vai pro primeiro ano.

— Se ela sobreviver ao Parapeito. — Alguém atrás de mim dá uma risadinha. — O vento talvez leve ela para longe.

— Você lutou em Strythmore — o cavaleiro atrás da mesa diz, espantado. — Te deram uma Ordem da Garra por eliminar aquela linha de artilharia atrás das forças inimigas.

Os risos param.

— Como eu disse — anuncia Mira, colocando a mão nas minhas costas —, essa aqui é minha irmã, Violet.

— Você já conhece o caminho. — O capitão assente, apontando para a porta da torre.

Parece sombrio lá dentro, e resisto ao impulso de fugir.

— Conheço o caminho — ela garante, me levando para longe da mesa para que o babaca risonho atrás de mim possa assinar a lista.

Paramos no batente e nos viramos para nos encararmos.

— Não morra, Violet. Eu ia odiar ser filha única. — Ela dá um sorriso e se afasta, passando pela fila de aspirantes embaçados enquanto as fofocas se espalham sobre quem ela é e o que ela fez.

— Difícil ficar à altura disso — diz a mulher na minha frente, dentro da torre.

— É mesmo — concordo, segurando as alças da mochila e adentrando a escuridão. Meus olhos se ajustam rapidamente à luz fraca que passa pelas janelas equidistantes ao longo da escadaria em espiral.

— Sorrengail, tipo...? — pergunta a mulher, olhando por cima do ombro enquanto começamos a subir as centenas de degraus que nos levarão até nossa morte em potencial.

— Isso. — Não há corrimão, então apoio a mão na parede de pedra enquanto subimos mais e mais alto.

— A general? — pergunta o loiro na nossa frente.

— A própria — respondo, oferecendo um sorriso rápido. Qualquer pessoa cuja mãe segura com tanta força não pode ser assim *tão* ruim, né?

— Uau. Calças legais também. — Ele sorri de volta.

— Valeu. Minha irmã que me deu.

— Me pergunto quantos aspirantes caíram desta escada e morreram antes de chegar no Parapeito — diz a mulher, olhando pelo centro da escadaria enquanto subimos mais alto.

— Dois no ano passado. — Inclino a cabeça e ela olha para trás. — Bom, três, se contar a menina em cima de quem um dos caras caiu.

Os olhos castanhos dela ficam arregalados, mas ela me dá as costas e continua subindo.

— Quantos degraus?

— Duzentos e cinquenta — respondo, e subimos em silêncio por mais cinco minutos.

— Não foi tão ruim — diz ela com um sorriso brilhante quando chegamos ao topo, no fim da fila. — Meu nome é Rhiannon Matthias, aliás.

— Dylan — diz o loiro, com um aceno entusiasmado.

— Violet. — Retribuo um sorriso tenso, ignorando prontamente a sugestão de Mira de evitar fazer amizades e forjar apenas alianças.

— Parece que estive esperando por este dia a vida toda. — Dylan troca o peso da mochila de lugar. — Dá pra acreditar que a gente vai fazer isso? É um sonho virando realidade.

Claro. Naturalmente, todos os candidatos, menos eu, estão animados para estar aqui. Esta é a única Divisão em Basgiath que não aceita que as pessoas sejam alistadas compulsoriamente: apenas voluntários.

— Mal posso esperar, porra. — O sorriso de Rhiannon aumenta. — Quem é que não quer cavalgar em um *dragão*?

Eu. Não que não seja legal, teoricamente. É, sim. É só que as chances de sobreviver até me graduar são tão terríveis que fazem meu estômago revirar.

— Seus pais aprovam? — pergunta Dylan. — Porque minha mãe ficou implorando para eu mudar de ideia por *meses*. Eu ficava falando que tinha mais chances de subir de posto como cavaleiro, mas ela queria que eu fosse para a Divisão Hospitalar.

— Os meus sempre souberam que esse era meu desejo, então me apoiaram. Além disso, minha irmã gêmea ficou com eles. Raegan já está vivendo seu sonho, casada e grávida. — Rhiannon olha para mim. — E você? Deixa eu adivinhar. Com o seu sobrenome, aposto que foi a primeira a se voluntariar este ano.

— Foi mais um serviço voluntário obrigatório. — Minha resposta é bem menos entusiasmada que a dela.

— Saquei.

— E cavaleiros recebem muito mais vantagens do que os outros soldados — digo para Dylan quando a fila começa a subir de novo. O aspirante risonho atrás de mim nos alcança, suado e vermelho. *Olha quem está rindo agora.* — Salário melhor, mais tolerância em relação ao uniforme — continuo.

Ninguém dá a mínima para o que os cavaleiros vestem, desde que seja preto. As únicas regras que se aplicam aos cavaleiros são as que memorizei do Códex.

— E o direito de falar que é um fodão — acrescenta Rhiannon.

— Isso também — concordo. — Certeza que te dão um ego junto com o uniforme de voo.

— Além disso, ouvi falar que é permitido que os cavaleiros se casem mais cedo do que as outras divisões — diz Dylan.

— Verdade. Logo depois da graduação. — Se sobrevivermos. — Mas acho que tem mais a ver com o fato de dar continuidade às linhagens sanguíneas.

A maioria dos cavaleiros de sucesso descende de outros cavaleiros.

— Ou porque morremos mais cedo que as outras divisões — comenta Rhiannon.

— Eu não vou morrer — declara Dylan, com muito mais confiança do que eu sinto, enquanto puxa um colar de dentro da túnica e revela um anel preso ali. — Ela disse que dava azar pedi-la em casamento antes de eu ir embora, então deixamos para depois da graduação. — Ele beija o anel e o esconde de novo embaixo do colarinho. — Os próximos três anos vão ser longos, mas vão valer a pena.

Reprimo um suspiro, apesar de talvez ter sido a coisa mais romântica que já ouvi.

— Você talvez consiga atravessar o Parapeito — desdenha o cara atrás de nós. — Mas essa aqui, se um ventinho soprar, vai parar no fundo da ravina.

Reviro os olhos.

— Cale a boca e foque em si mesmo — rebate Rhiannon, os pés batendo contra os degraus de pedra conforme subimos.

Finalmente avistamos o topo, o batente preenchido por uma luz embotada. Mira estava certa. As nuvens vão causar uma destruição, e precisamos estar do outro lado do Parapeito antes que isso aconteça.

Outro passo, e ouço os pés de Rhiannon de novo.

— Deixa eu ver suas botas — digo baixinho para o babaca atrás de mim não ouvir.

Ela franze o cenho, e seus olhos castanhos ficam muito confusos, mas ela mostra as solas. Lisas, como as que eu estava usando antes. Meu estômago revira.

A fila começa a andar de novo, parando quando estamos a poucos metros da abertura.

— Que tamanho você calça?

— Quê? — Rhiannon pisca, surpresa.

— Seu pé. Que tamanho você calça?

— Trinta e nove — ela responde, franzindo a testa.

— Eu calço trinta e oito — digo rapidamente. — Vai doer pra caralho, mas quero que fique com a minha bota esquerda. Troque comigo.

Minha bota direita contém uma adaga.

— Perdão? — Ela me encara como se eu estivesse louca. Talvez tenha ficado.

— Essas botas aqui são de cavaleiro. Aderem melhor à pedra. Seus dedos vão ficar amassados e reclamando, mas ao menos vai ter uma chance de não cair se começar a chover.

Rhiannon olha para a porta aberta (e para o céu cada vez mais escuro) e depois para mim de novo.

— Você está disposta a trocar?

— Só até a gente chegar do outro lado. — Olho pela porta. Três aspirantes estão cruzando o Parapeito, os braços esticados. — Mas precisa ser rápido. Está quase na nossa vez.

Rhiannon espreme os lábios, duvidando, e então concorda. Trocamos as botas esquerdas. Mal termino de amarrar a minha e a fila anda de novo, e o cara atrás de mim me empurra, me fazendo praticamente cambalear para encarar o céu aberto.

— Anda logo. Tem gente que tem coisa pra fazer do outro lado. — A voz dele irrita todos os meus nervos.

— Você não vale meu esforço agora — resmungo, recuperando o equilíbrio enquanto o vento chicoteia minha pele, a manhã carregada pela umidade do meio do verão. *Obrigada pela trança, Mira.*

O topo da torre não tem um telhado, as ameias de pedra subindo e descendo ao redor da estrutura circular no topo do meu peito, e não escondem a vista. A ravina e o rio lá embaixo de repente parecem muito,

muito distantes. Quantas carroças estão esperando lá embaixo? Cinco? Seis? Eu conheço as estatísticas. O Parapeito reivindica cerca de quinze por cento dos aspirantes a cavaleiro. Cada prova da Divisão, incluindo essa, é projetada para testar a habilidade de cavalgar do cavaleiro. Se alguém não consegue andar pelo comprimento de uma ponte de pedra estreita na qual venta muito, então certamente não vai conseguir se equilibrar e lutar nas costas de um dragão.

E quanto à taxa de morte? Acho que todos os cavaleiros pensam que o risco vale a glória, ou são arrogantes o bastante para pensar que não vão cair.

Não sou nenhuma das duas coisas.

A náusea revira meu estômago, e inspiro pelo nariz e expiro pela boca enquanto ando na beirada atrás de Rhiannon e Dylan, meus dedos segurando a pedra enquanto caminhamos na direção do Parapeito.

Três cavaleiros esperam na entrada, que é apenas um buraco na parede da torre. Um cavaleiro com as mangas cortadas registra o nome dos aspirantes que dão o primeiro passo para fazer a travessia traiçoeira. Outro, com a cabeça toda raspada, exceto por uma faixa no meio, instrui Dylan enquanto ele se posiciona. Dylan dá um tapinha no peito como se o anel ali trouxesse sorte. Espero que seja o caso.

O terceiro se vira na minha direção e meu coração simplesmente... para.

Ele é alto, com cabelos negros esvoaçantes e sobrancelhas escuras. A linha da mandíbula é pronunciada, coberta pela barba escura por fazer, a pele de um tom quente de marrom-claro. Quando ele cruza os braços, os músculos em seu torso e braço ondulam, movendo-se de uma forma que me faz engolir em seco. E os olhos dele... Os olhos são de um ônix salpicado de dourado. O contraste é magnífico, me deixando quase boquiaberta: tudo nele é impressionante. As feições são tão marcadas que parecem que foram entalhadas, e ao mesmo tempo são perfeitas, como se um artista tivesse passado a vida toda o esculpindo, gastando um ano trabalhando só na boca.

Ele é o homem mais lindo que já vi.

E, morando em um instituto militar, eu já vi *muitos* homens.

Mesmo a cicatriz diagonal que divide a sobrancelha esquerda e marca o canto da bochecha só o deixa mais gostoso. Gostoso pra caramba. Gostoso pra caralho. Em um nível de gostoso que vai acabar com a sua vida, mas que vai te fazer gostar mesmo assim. De repente, não consigo me lembrar do motivo para Mira me dizer que eu não deveria transar com gente que não fosse do meu ano.

— Vejo vocês do outro lado! — diz Dylan por cima do ombro com um sorriso empolgado antes de pisar no Parapeito, os braços esticados.

— Preparado pro próximo, Riorson? — diz o cavaleiro com as mangas rasgadas.

Xaden Riorson?

— Preparada, Sorrengail? — pergunta Rhiannon, dando um passo para a frente.

O cavaleiro de cabelos negros se vira para mim de imediato, e meu coração retumba no peito por todos os motivos errados. Uma relíquia da rebelião, curvada com rodopios, marca o pulso esquerdo dele, e então desaparece para dentro da manga do uniforme e reaparece no colarinho, onde continua os rodopios e espirais até o pescoço, terminando na mandíbula.

— Ah, merda — sussurro, e os olhos dele estreitam como se pudessem me ouvir acima dos uivos do vento que chicoteia minha trança.

— Sorrengail? — Ele dá um passo na minha direção, e preciso olhar para cima... e mais acima.

Meus deuses, eu não chego nem no ombro dele. Ele é enorme. Deve ter mais de um metro e noventa.

Eu me sinto exatamente da forma que Mira disse que eu era, *frágil*, mas assinto uma vez e o ônix brilhante de seus olhos é tomado por um ódio frio e completo. Quase consigo sentir o desprezo vindo dele feito perfume.

— Violet? — pergunta Rhiannon, seguindo em frente.

— Você é a filha mais nova da general Sorrengail. — A voz dele é profunda, com um tom de acusação.

— Você é o filho de Fen Riorson — rebato, a certeza da revelação se acomodando dentro de mim. Ergo o olhar, fazendo o possível para manter todos os músculos no corpo firmes para não tremerem.

Ele vai te matar no instante em que descobrir quem você é. As palavras de Mira ecoam no meu crânio, e o medo dá um nó na minha garganta. Ele vai me jogar pela beirada. Ele vai me pegar e me jogar da torre. Não vou sequer ter a chance de atravessar o Parapeito. Vou morrer sendo o que minha mãe sempre evitou falar que eu era: fraca.

Xaden respira fundo, e os músculos na mandíbula flexionam uma vez. Duas.

— Sua mãe capturou meu pai e o executou.

Espera. Como se *ele* fosse o único que tivesse direito a odiar alguém? A raiva percorre minhas vias.

— Seu pai matou meu irmão mais velho. Acho que estamos quites.

— Até parece. — O olhar dele me avalia como se estivesse memorizando cada detalhe, procurando uma fraqueza. — Sua irmã é uma cavaleira. Acho que explica a sua roupa.

— Acho que sim. — Sustento o olhar dele, como se ganhar essa competição de não piscar fosse me conceder a admissão na Divisão, em vez de atravessar o Parapeito atrás dele. De qualquer forma, vou atravessar. Mira não vai perder os dois irmãos.

Ele fecha os punhos, tencionando-os.

Eu me preparo para um golpe. Ele pode até me jogar da torre, mas não vou deixar as coisas fáceis para ele.

— Tudo bem? — pergunta Rhiannon, os olhos passando de Xaden para mim.

Ele olha para ela.

— São amigas?

— Nos conhecemos na escadaria — diz ela, endireitando os ombros.

Ele olha para baixo, notando as botas diferentes, arqueando uma sobrancelha. A mão dele relaxa.

— Que interessante.

— Vai tentar me matar? — Ergo mais o queixo.

O olhar dele encontra o meu quando o céu finalmente se rompe e a chuva cai como um dilúvio, encharcando meu cabelo, minha roupa e as pedras ao nosso redor em questão de segundos.

Um grito rompe o ar, e Rhiannon e eu nos viramos de imediato para o Parapeito a tempo de ver Dylan escorregar.

Arquejo, meu coração subindo para a garganta.

Ele se segura, prendendo os braços na pedra enquanto os pés chutam o ar abaixo dele, procurando uma aderência que não existe.

— Levanta, Dylan! — grita Rhiannon.

— Meus deuses! — Minha mão cobre a boca.

Mas ele solta a pedra molhada de chuva e cai, desaparecendo. O vento e a chuva roubam qualquer som que o corpo dele pode ter emitido ao se chocar no vale abaixo. Roubam o som do meu grito abafado também.

Xaden não tira os olhos de mim, me observando em silêncio com um olhar que não sei interpretar quando finalmente me volto para ele.

— Por que eu desperdiçaria tempo te matando quando o Parapeito vai fazer isso por mim? — Um sorriso maldoso curva seus lábios.

— Sua vez.